



Formação docente e inovação: epistemologias e pedagogias em questão

Prof^a Dr^a Maria Isabel da Cunha

Universidade do Vale do Rio dos Sinos



- A educação escolarizada e modernidade;
- Estado moderno e a idéia da educação como direito do cidadão e dever do estado;
- A escola, como conceito universal, é filha da modernidade.
- Seus rituais, sua forma de funcionamento, a eleição do conhecimento válido e as práticas pedagógicas que desenvolve trazem marcas da dimensão cultural, epistemológica e política dessa filiação.



- **A disciplinarização** que sustenta os currículos e a organização escolar e acadêmica é um dos elementos mais representativos dessa lógica, incluindo a **dicotomização** entre ciências exatas e ciências sociais e humanas; a separação entre corpo e mente; entre afeto e cognição; entre cultura e ciência e entre teoria e prática, para dar alguns exemplos.
- A **ordenação** do conhecimento produziu a compreensão de que melhor se aprende quando o conhecimento é dividido em partes, obedecendo a uma complexidade crescente;
- A **polarização entre verdade e inverdade** estimulou a compreensão de que o acerto está ligado a uma dimensão universal, onde **o erro** é punido e a divergência expurgada;
- Assume-se o conceito de **normalidade** como um referente da organização humana, onde a média dá o tom do que é padrão aceitável.



A **crítica ao paradigma** da ciência moderna nos ajudou a delinear outras possibilidades de fazer ciência, incorporando as dimensões sócio-culturais e subjetivas na compreensão da realidade. Compreendemos, principalmente, que **o diálogo epistemológico está vinculado ao diálogo afetivo** e que **razão e emoção são constituintes inseparáveis do homem.**



Assumimos a necessidade de **transformar** nossas práticas pedagógicas que se viam atingidas

pelos novas tecnologias e a **revolução digital**;

pelos mudanças no **mundo trabalho**, com reflexos importantes para a formação;

pelos **revolução sexual e estudos de gênero**;

pelos movimentos sociais e políticos que reivindicavam a **substituição do colonialismo** por relações de solidariedade, para citar algumas dimensões.

É a **sociedade em mudança** exigindo que a educação escolarizada também mude.



Compreendemos a perspectiva da **inovação como ruptura paradigmática**, pois não se tratar, apenas, de acionar mudanças metodológicas ou prover a inclusão de recursos tecnológicos. Referimo-nos, principalmente, a uma nova forma de compreender o conhecimento e, portanto, uma alteração nas bases epistemológicas da prática pedagógica.



Percebe-se que as inovações se materializam pelo reconhecimento de formas alternativas de saberes e experiências, nas quais imbricam: objetividade e subjetividade,
senso comum e saber científico,
teoria e prática,
cultura e natureza,
anulando dicotomias e procurando gerar novos conhecimentos.



Essas inovações, entendidas como ruptura paradigmática, exigem dos professores reconfiguração de saberes e favorecem o reconhecimento da necessidade de trabalhar no sentido de transformar, como se refere Santos, a *"inquietação" em energia emancipatória* (p.346).

Envolvem o reconhecimento da diferença e implicam, em grande medida, em um trabalho que consiste, especialmente, em gerir relações sociais com seus alunos.



Tardif (2002) lembra *que a pedagogia é feita de dilemas e tensões, de negociações e estratégias de interação*. Para o autor, *ensinar é fazer escolhas, constantemente, em plena interação com os alunos* (p.132). Essas escolhas são dependentes da experiência dos atores, do contexto de tempo e território do ensino, das convicções e crenças que suportam o trabalho e, conseqüentemente, de situações que, sendo únicas, exigem respostas diferenciadas.



Os saberes **não são imóveis e estáticos**, nem foram produzidos no mesmo tempo, território e circunstância. Eles se imbricam em novas sínteses, na medida em que se constroem. Estão sempre submetidos a novas interferências políticas, pessoais e profissionais.



Se não é fácil a mudança, é quase impossível a permanência, quando se tem consciência das mudanças sociais e dos desafios delineados para o futuro.

A sala de aula se vê invadida pelas subjetividades, pelas informações que extrapolam o discurso de professor e do livro didático, por indicadores de uma realidade que não mais pode ser explicada apenas pela racionalidade técnica e pelo conhecimento prescritivo.



Descobrimos, já fazendo uma ruptura com a ciência moderna, que **não há modelos universais para protagonizar as mudanças** e que a melhor forma de alicerçar novas construções é assumir uma condição de experimentação, reconhecendo a dimensão artesanal da docência e da aprendizagem.

Sendo construída, a cada vez, por seres humanos que vivem contextos em constante movimento, a sala de aula também será sempre única, na sua edição. Ela depende da interação dos sujeitos, de uma, às vezes, inexplicável química que nos aproxima ou distancia dos alunos e interfere nas relações que com eles estabelecemos.



A aula, portanto, não é apenas o cenário da docência, ou da discência. É o **cenário do encontro e das múltiplas possibilidades** que professores e alunos têm de fazer dele um tempo de aprendizagem, de trocas, de descobertas e de experimentação. Exige um alargamento do conceito de sala de aula, que precisa explodir as linhas retas do espaço retangular que a dimensiona e incluir o movimento e a possibilidade de novas racionalidades. Exige, ainda, uma reconfiguração dos históricos papéis atribuídos ao professor e aos alunos, numa relação mais horizontal, que inclua responsabilidades e autorias partilhadas.



Em pesquisa realizada (Cunha, 2001) propomos aos alunos concluintes dos Cursos de Licenciatura de uma universidade pública que relatassem as experiências de aprendizagem que foram mais significativas para eles durante seus cursos. Com certa surpresa os dados apontaram que a maioria delas extrapolava os limites físicos da sala de aula, favorecendo ao estudante situações de contato com a realidade social e profissional. Esse dado provocou questionamentos sobre os currículos universitários e sobre a distribuição do tempo entre os rituais acadêmicos.



A pesquisa permitiu reunir em **doze categorias** o sentido da aprendizagem significativa, com profundas repercussões sobre as práticas de sala de aula, conforme descrição abaixo:

- reflexão crítica da realidade, onde o processo de ensinar e aprender estimulou discussões, explicitou contradições e ultrapassou os dualismos simplificadoros;
- estímulo à participação e protagonismo, fazendo os alunos sentirem-se como sujeitos da aprendizagem descobrindo que são capazes de produzir/redescobrir conhecimentos;
- realização de pesquisas como instrumental do ensino, colocando o aluno como leitor/interpretador da realidade;



- domínio da estrutura do conhecimento da matéria de ensino que resulta na capacidade de trabalhar com a dúvida epistemológica e com o diálogo com diferentes campos do saber;
- realidade prática como referencial da teoria, rompendo com a perspectiva positivista que coloca a teoria como condição inicial da prática;
- partilha de dúvidas e decisões entre professor e alunos estimulando o pensamento inquiridor;
- relação positiva entre professor e alunos, respeitando as diferenças, sem, contudo, abrir mão do rigor.
- manifestação de paixão e gosto pelo conhecimento, onde o cognitivo imbrica-se com o afetivo;



- uso de recursos e instrumental tecnológico, quando explorados de forma interativa;
- diminuição das dicotomias presente-passado, teoria-realidade, incluindo a localização histórica ou contextual do conhecimento acadêmico visto nas suas múltiplas relações;
- autoconhecimento, no sentido da possibilidade de entender a si mesmo dentro da estrutura cultural mais ampla, fazendo conexões entre o local e o universal;
- estímulo à leitura, reflexão e escrita como forma de valorizar a autoria e desenvolver habilidades necessárias à prática profissional e ao convívio sociocultural.



Nossos alunos não são apenas cérebro e memória. São pessoas culturalmente situadas, com aspirações e representações da realidade que definem suas expectativas e possibilidades. São portadores de saberes que precisam ser levados em conta e, se necessário, resignificados. Os professores igualmente são portadores de valores culturais e políticos. São marcados por uma história de formação que os faz reproduzir práticas, muitas vezes sem a necessária reflexão sobre as mesmas, sem analisá-las na sua condição valorativa e teórica.



A docência é uma atividade complexa. Só quando for reconhecida essa complexidade poderemos avançar em processos de qualificação mais efetivos.

Exige saberes específicos que tem um forte componente de construção na prática. Entretanto é uma prática que não se repete, é sempre única.

Como tal exige capacidades para enfrentar situações não previstas. Essas serão muito mais sábias quando dispusermos da teoria para melhor compreendê-la; de uma teoria que não se coloca em justaposição ou se quer generalizadora, mas como possibilidade de fundamentação que pode iluminar os processos de compreensão do vivido.

